

VARIAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES E RELATO DE PRÁTICAS

Dennis Castanheira¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir estratégias para o tratamento da temática da variação no ensino superior a partir de reflexões teóricas e de um relato de práticas desenvolvidas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Serão destacadas, especificamente, experiências vivenciadas nas disciplinas “Língua Portuguesa para Comunicação I” e “Língua Portuguesa I para Relações Internacionais”, dos cursos de Relações Públicas e Relações Internacionais, nos anos de 2019 e 2020. Tais práticas estão embasadas na abordagem da Sociolinguística Variacionista, perspectiva que tem como foco analítico o uso linguístico a partir do mapeamento de fenômenos variáveis e de suas motivações de ocorrência. Diante do trabalho desenvolvido, percebemos que existem diferentes estratégias que podem ser adotadas metodologicamente e que a inserção da variação na formação de profissionais de diferentes áreas é essencial.

Palavras-chave: variação; Ensino Superior; ensino.

VARIATION IN HIGHER EDUCATION: REFLECTIONS AND PRACTICE REPORT

ABSTRACT: This article has as main goal the discussion of strategies for the treatment of the matters of variation in higher education from theoretical reflections and a practice report developed in the Universidade do Estado do Rio de Janeiro [State University of Rio de Janeiro]. It is going to be highlighted, specifically, the experiences in the courses “Língua Portuguesa para Comunicação I” [Portuguese Language for Communication I] and “Língua Portuguesa I para Relações Internacionais” [Portuguese Language I for International Relations], in the years 2019 and 2020. These practices are based on Variationist Sociolinguistics approach, in which its analytical focus is on the linguistic usage from variable phenomena mapping and their reasons for occurrence. In view of the work developed, we perceive that there are different strategies that may be methodologically adopted and that the insertion of variation in the training of professionals from different areas is essential.

Keywords: Variation; Higher Education; Teaching.

Introdução

A inserção da temática da variação linguística na sala de aula é um tópico cada vez mais discutido em distintos contextos e realidades sociolinguísticas (cf. GÖRSKI;

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. E-mail: dennisscastanheira@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9092-5936>.

COELHO, 2009; OLIVEIRA, 2017; ALVES, 2019, dentre outros). Tais trabalhos têm demonstrado a necessidade do debate acerca da variação na escola e o grande êxito de propostas de intervenção voltadas para os níveis Fundamental e Médio, destacando aspectos gerais e/ou fenômenos específicos.

No entanto, no tratamento da discussão dessa temática no Ensino Superior, mais especificamente, nos cursos externos aos institutos/ faculdades/ escolas de Letras, tal questão não tem sido tão empreendida. Isso pode ser explicado por variados fatores, dentre os quais se destacam o caráter eminentemente instrumental de tais disciplinas e a pouca quantidade de matérias de Língua Portuguesa/ Linguística para outras graduações.

Diante disso, neste artigo, temos como objetivo discutir estratégias para o tratamento da variação no ensino superior a partir de reflexões teóricas e práticas. Para isso, utilizaremos os pressupostos da abordagem sociolinguística e focalizaremos um relato de práticas desenvolvidas nas disciplinas “Língua Portuguesa para Comunicação I” e “Língua Portuguesa I para Relações Internacionais”, dos cursos de Relações Públicas e de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro nos anos de 2019 e 2020.

O embasamento para as reflexões aqui trazidas está centrado na Sociolinguística Variacionista, corrente teórico-metodológica pautada na análise dos usos linguísticos a partir da correlação entre a língua e a sociedade e que apresenta diferentes possibilidades metodológicas e analíticas (cf. ECKERT, 2012). São temas relevantes para essa abordagem “concordância verbal e nominal, colocação pronominal, ordem de palavras e uso de pronomes (...) A observação da entrada de elementos na língua a partir do processo de mudança linguística [é] também um aspecto bastante relevante” (CASTANHEIRA, 2018, p. 88).

Para isso, este artigo será organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos os pressupostos teóricos que embasam a abordagem da Sociolinguística Variacionista relacionada ao ensino; posteriormente, refletiremos e discutiremos as possibilidades de inserção da temática no Ensino Superior a partir de um relato de práticas; por fim, apresentaremos as considerações finais e as referências. Com isso, pretendemos elucidar as bases e relatar as práticas desta investigação.

VARIAÇÃO E ENSINO

Precursora no debate e na sistematização da correlação entre a língua e a sociedade, a Sociolinguística Variacionista foi firmada como corrente nos Estados Unidos em um cenário científico dominado pela perspectiva formalista. Os estudos de William Labov (LABOV, 2010[1972]) são alguns dos marcos desse olhar a partir do mapeamento de aspectos linguísticos e extralinguísticos como variáveis independentes que motivam o fenômeno em variação.

De acordo com Mollica, a Sociolinguística Variacionista

é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. (...) [E] se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2003, p. 9).

Dessa forma, a pesquisa sociolinguística considera os contextos de uso e as suas múltiplas singularidades sociolinguísticas. A heterogeneidade não é vista como um problema ou como um caos, sendo, ao contrário, uma característica inerente às línguas naturais, já que os falantes são diferentes e pertencem a distintos grupos sociais. É natural, então, que seus usos sejam relacionados a fatores como escolaridade, sexo e faixa etária entre outros.

É necessário ressaltar, ainda, que, na perspectiva aqui adotada, as línguas são vistas como variáveis e dinâmicas e que as motivações para as mudanças podem ser observadas a partir de questões estruturais e sociais. Nesse sentido, como Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) atestam, fatores linguísticos e sociais estão inter-relacionados e as regularidades observadas nos estudos empíricos devem ser consideradas de forma integrada nas discussões acerca da mudança linguística.

Além disso, como fica claro com a publicação de Mollica e Ferrarezi Junior (2016), a Sociolinguística é uma abordagem bastante ampla e que possibilita diversas interfaces teórico-metodológicas, dentre as quais se destacam o Sociofuncionalismo, a Sociolinguística Cognitiva e a Sociolinguística Paramétrica. A partir de diferentes pontos de contato da perspectiva variacionista com outras vertentes, é possível estudar fenômenos variáveis de forma ainda mais ampla, considerando novos grupos de fatores (cf. GÖRSKI; MARTINS, 2021).

Mollica (2003) aponta que também interessam à Sociolinguística temas como contato linguístico, surgimento e extinção linguística e multilinguismo. Nesse sentido, é central o debate estabelecido por Oliveira (2010), em que o autor reflete sobre a mitologia do monolinguismo no Brasil. Para ele, as línguas se diferem de forma acentuada em relação à sua importância política, econômica e social, havendo algumas que são bem avaliadas e outras tidas preconceituosamente como inferiores.

É importante pontuar que esse julgamento não está ligado à frequência de uso, mas a questões político-ideológicas, já que, mesmo havendo algumas línguas muito faladas em um determinado local, não necessariamente essas serão utilizadas em meios oficiais, na imprensa, na ciência ou na literatura (cf. OLIVEIRA, 2010). Assim, línguas como o inglês, o francês e o português, que foram usadas nos processos de colonização dos países americanos, são vistas pela sociedade em geral de forma positiva, enquanto o xavante ou o caxinauá, que são línguas dos povos originários, são vistas de forma depreciativa.

Essa discussão se liga diretamente ao plurilinguismo presente em diversos países, dentre os quais o Brasil. Muitas vezes, há uma ideia equivocada de que no nosso país a única língua falada é o português, no entanto, existem muitas outras utilizadas por diferentes grupos, inclusive os povos indígenas, comunidades que já ocupavam o território antes da invasão portuguesa. Com isso, mesmo havendo falantes, inclusive originários, de uma determinada língua, essa muitas vezes sofre um grande processo de apagamento social, o que resulta, conseqüentemente, em sua exclusão cultural.

Diante das reflexões teóricas sobre o assunto, é necessário refletir sobre o ensino de línguas e sobre o seu impacto na sociedade. Conforme Callou (2008, p. 58),

se a língua é multifacetada, se não constitui um todo homogêneo, se raramente existe a possibilidade de exprimir de uma só maneira uma mesma coisa – pois há formas linguísticas diversas que veiculam o mesmo sentido – se apresenta inúmeras variações, alguns questionamentos se fazem necessários. Como proceder? Que norma deve ser ensinada? Aceita-se qualquer nível de linguagem? Como corrigir a linguagem do aprendiz na escola? É possível fazer alguma coisa para modificar a linguagem do meio? Como eliminar o preconceito? Que modalidade ensinar? Na língua escrita o modelo é o literário, ou é o jornalístico?.

Como indicam as elucidações de Callou (2008), é preciso refletir acerca do ensino em uma abordagem variacionista. Um tópico central nesse sentido é o preconceito

linguístico, que, como aponta Bagno (1999), está ligado à ideia de uma única língua portuguesa, que deve ser ensinada na escola e está prescrita em gramáticas e definida em dicionários. Essa visão não contempla a língua em uso e as suas múltiplas possibilidades em competição e mudança, sendo, portanto, bastante restrita.

O autor aponta, ainda, que esse preconceito está alicerçado em uma mitologia do preconceito linguístico, em que algumas ideias equivocadas acerca do uso da língua são perpetuadas socialmente. Dentre tais mitos apresentados por Bagno (1999), destacam-se: o brasileiro não sabe português/ só em Portugal se fala bem português, português é muito difícil e o português falado no Brasil tem uma grande homogeneidade. Essa mitologia faz com que o ensino de português seja pautado em perspectivas equivocadas cientificamente, o que é extremamente prejudicial para a sociedade.

Com isso,

há a transmissão e a perpetuação de pensamentos excludentes e estereotipados sobre a língua portuguesa e sobre suas diferentes instanciações de uso. Tais reflexões podem ser expandidas para o ensino de línguas de forma mais ampla, pois, diante da pressão normativa, diferentes formas de expressividade muitas vezes são ignoradas e condenadas por fugirem ao padrão estabelecido pelos compêndios gramaticais. Diante disso, aqueles que têm menor acesso a essas regras acabam sendo socialmente excluídos e silenciados. (CASTANHEIRA, 2020, p. 60).

A questão da variação ainda pode ser relacionada ao ensino de língua portuguesa a partir da sua inserção em documentações oficiais. Desde a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997) na segunda metade da década de 1990, os documentos elaborados por instâncias governamentais têm trazido a temática variacionista como um aspecto a ser considerado. Tal tendência se manteve com a publicação da *Base Nacional Curricular Comum* (BRASIL, 2018), pois, conforme Patriota e Pereira (2018), a variação é uma questão elucidada em diversas partes do documento.

Assim, o espaço da variação na educação básica tem sido progressivamente ampliado. É evidente, contudo, que ainda existem muitos problemas como o seu tratamento em livros didáticos, a concepção de que esse é mais um tópico a ser abordado teoricamente com os alunos e o apagamento do plurilinguismo presente no território nacional (cf. SANTANA; SANTOS, 2017; MORELLO, 2018). Na verdade, na escola, ainda falta uma perspectiva variacionista perene a ser explorada em sala de aula

constantemente sem focalizar apenas os tipos de variação, mas sua ocorrência em diversos fenômenos do português.

Nesse sentido, é possível afirmar que a variação é um tópico central em relação ao ensino de língua portuguesa e que tem sido explorada em diversos trabalhos, voltados, sobretudo, para a educação básica. Sua inserção na sala de aula auxilia no tratamento de diferentes fenômenos gramaticais e no combate ao preconceito linguístico e, por isso, seu debate deve ser perene. Apesar dos problemas ainda existentes, os avanços são significativos e há cada vez mais ideias, propostas e práticas pautadas em uma pedagogia da variação em prol de uma educação mais reflexiva e plural, que auxilia na garantia da cidadania em contextos pessoais e profissionais.

REFLEXÕES E RELATO DE PRÁTICAS DE ENSINO

No contexto do ensino superior, a variação linguística é um componente curricular dos cursos de Letras a partir de disciplinas teóricas específicas e da discussão de fenômenos (morfo)sintáticos e fonético-fonológicos em outras matérias. Nos poucos cursos externos aos institutos/ faculdades/ escolas de Letras em que há disciplinas de Língua Portuguesa/ Linguística, contudo, o foco geralmente é instrumental e não há tantas possibilidades para seu tratamento.

Diante disso, apresentaremos, nesta seção, um relato de práticas desenvolvidas em duas disciplinas de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ao longo dos anos de 2019 e 2020, nos cursos de Relações Públicas e de Relações Internacionais. Para tanto, discutiremos as estratégias adotadas e como podem contribuir para a formação desses profissionais que, embora não sejam do curso de Letras, trabalham com discussões ligadas à relação entre a língua e a sociedade.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) é uma das maiores e mais expressivas instituições públicas de ensino do Brasil e conta com uma história de engajamento social e produção científica relevante. Composta² por 16 *campi* e unidades externas, é uma das grandes potências intelectuais e culturais do estado, tendo mais de 50.000 pessoas em seu corpo social, o que inclui discentes, docentes e demais funcionários. Conta, ainda, com 90 cursos de Graduação, 63 de Mestrado e 46 de Doutorado e mais de 500 laboratórios de pesquisa.

² Informações técnicas retiradas do site: <https://www.uerj.br/a-uerj/a-universidade/>

Referência em ensino, pesquisa e extensão, a instituição foi iniciada em 1950 e oferece graduações em 30 unidades acadêmicas, o que engloba as cidades do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Resende e São Gonçalo. Dentre os centros de ensino, destacamos aqueles onde os cursos das disciplinas aqui discutidas estão lotados: Educação e Humanidades e Ciências Sociais.

No primeiro, temos o curso de Relações Públicas, lotado na Faculdade de Comunicação Social, que tem como foco a formação ampla de profissionais aptos a discussões teóricas e práticas acerca da sua área do conhecimento. No segundo, temos o curso de Relações Internacionais, sediado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que conta com diferentes laboratórios e núcleos de investigação. Segundo o site da instituição³, o objetivo do curso é formar profissionais críticos diante de temáticas internacionais atuais a fim de que o discente tenha uma atuação ampla e seja uma autoridade no assunto. Nas duas disciplinas, a preparação do planejamento foi iniciada pela observação das ementas, presente no quadro 1.

Quadro 1:

| Língua Portuguesa para Comunicação I | Língua Portuguesa I para Relações Internacionais |
|--|---|
| Revisão gramatical. Estilo e estilística. Estrutura dos diversos discursos. Relações entre texto, gênero e discurso. | Língua e linguagem: conceitos fundamentais. Pensamento lógico e expressão escrita. Emprego da língua padrão: correção e adequação da linguagem. Discurso e estilo. Leitura, interpretação, análise e produção de texto. |

Quadro 1: ementas

Fonte: site da universidade⁴

Em ambas, é possível perceber que há uma orientação em relação ao trabalho com a expressão escrita e com os elementos da gramática, seja por meio da revisão ou da correção e da avaliação. Diante disso, para elaborar as estratégias a fim de lidar com os conteúdos programáticos, observamos os objetivos registrados nas ementas, conforme o quadro 2.

³ Ensino e Pesquisa. Relações Internacionais/UERJ(riuerj.com.br). Acesso em 18 de janeiro de 2022.

⁴ UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Acesso em 18 de janeiro de 2022.

Quadro 2:

| Língua Portuguesa para Comunicação I | Língua Portuguesa I para Relações Internacionais |
|---|--|
| Ao final do período, o aluno deverá ser capaz de desenvolver o domínio sobre a linguagem escrita e falada como instrumento de comunicação social. | Inserir o aluno no círculo “ler, falar, escrever e reler”, desenvolvendo-lhe a capacidade de comunicação oral e escrita como elemento de interação social. |

Quadro 2: objetivos

Fonte: site da universidade

A partir desses objetivos, ficou evidente que o principal enfoque das disciplinas é a inserção dos discentes nos contextos sociais por meio do uso da linguagem como um aspecto interativo. Ao relacionarmos à ementa, percebemos que a discussão dos tópicos gramaticais poderia ser associada com a questão variacionista, já que a variação é um conceito essencial para a relação entre a gramática e a interação e que pode ser importante para a formação profissional dos estudantes.

Isso se evidencia também pelas diretrizes do Ministério da Educação em relação aos dois cursos⁵. Segundo os documentos, em Relações Internacionais, o aluno deve desenvolver a capacidade de compreensão do contexto político, cultural e social e de solução de problemas numa realidade diversificada e em transformação. Já no curso de Comunicação Social, deve desenvolver a reflexão da variedade e da mutabilidade de demandas sociais e usar criticamente o instrumental teórico-prático do curso. A inserção da variação na formação desses profissionais, então, é evidente para que compreendam melhor a pluralidade linguística e a sua recepção social, que se relacionam a questões culturais e políticas.

A disciplina oferecida para o curso de Relações Públicas ocorreu no semestre 2019.1 de forma presencial e teve como base a discussão parcial do livro *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*, escrito pelo linguista Marcos Bagno no final da década de 1990 (BAGNO, 1999). Para isso, trabalhamos com a leitura prévia do material disponibilizado para que as aulas fossem conduzidas de maneira interativa – e não apenas expositiva.

Ao longo do processo, muitos alunos se identificaram muito com o debate estabelecido, mas outros tiveram grande resistência, sobretudo quando refletiam acerca

⁵ Informações disponíveis no site: [Ministério da Educação - Ministério da Educação \(mec.gov.br\)](http://www.mec.gov.br)

das formas mais estigmatizadas. Para que tais questões fossem desconstruídas, além das dezenas de exemplificações com exemplos do uso da linguagem cotidiana, também recorreremos à página *Falei errado? O problema é seu, não meu*, disponível em: **Falei errado? O problema não é meu, é seu. | Facebook.**

Com uma linguagem extremamente divertida e acessível, o combate ao preconceito linguístico é tratado como central a partir de muitos memes. A iniciativa é fruto do projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pelo Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima e se popularizou na internet, chegando a mais de um milhão de visualizações em uma só postagem no ano de 2017.

A escolha dessa estratégia foi motivada pela linguagem utilizada ser de fácil acesso aos alunos e pelo uso do gênero meme, que os alunos costumam gostar muito. Ao lidar com bom humor e misturar situações cotidianas com o combate a esse preconceito, foi possível observar essa relação de forma mais acessível e divertida, o que fez com que os alunos tivessem maior facilidade no tratamento do tema.

Como estratégia avaliativa, pedimos que os discentes analisassem três dos memes presentes na página e que tivessem relação direta com os mitos⁶ apresentados por Bagno (1999) em sua obra. Para isso, era necessário não apenas observar a relação entre os textos e o preconceito linguístico, mas também articular com as estratégias comunicativas utilizadas, dentre as quais a importância do gênero, o papel do contexto, destacando a multimodalidade e a ativação do conhecimento enciclopédico. Isso foi possível pela articulação das discussões estabelecidas com a temática centrada nos estudos do texto a fim de cumprir os focos da ementa.

Com isso, os alunos se dividiram em cinco grupos e elaboraram artigos de fim de curso com introdução, fundamentação teórica, análise, conclusão e referências, em que discorreram sobre as bases das discussões feitas em sala e das reflexões dos autores lidos ao longo da disciplina e analisaram os memes. Tal avaliação foi feita de forma processual: inicialmente, cada grupo apresentou os memes que seriam analisados ao professor; posteriormente, elaborou um planejamento de execução apresentado ao docente; por fim, entregou o artigo final.

Essa experiência, então, fez com que fosse possível trazer a temática da variação e do preconceito linguístico para alunos do curso de Relações Públicas. A relevância disso

⁶ Alguns desses mitos são: a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente, brasileiro não sabe português /só em Portugal se fala bem português, português é muito difícil e o certo é falar como se escreve.

está ligada à inserção de um debate muitas vezes centrado apenas nos profissionais de Letras, o que possibilita não apenas a expansão do acesso ao conhecimento, mas também a formação de graduados mais conscientes das estruturas sociais e das formas de perpetuação do preconceito, o que se liga diretamente à atuação sua profissional, já que lidarão diretamente com diversos públicos com distintos perfis sociolinguísticos no seu dia a dia.

Já a disciplina oferecida ao curso de Relações Internacionais no semestre 2020.1 teve um funcionamento bem diferente. Ministrada no contexto pandêmico, a matéria precisou ser adaptada e (re)pensada diante das demandas surgidas no ensino remoto, em que os alunos deveriam assistir às aulas de casa em formato online e que a carga horária deveria ser dividida entre atividades síncronas (ao vivo) e assíncronas.

É necessário dizer, inicialmente, que, como atividades assíncronas, utilizamos a leitura de textos teóricos e a exibição/ escuta de vídeos e um podcast sobre os temas discutidos, conforme o quadro 3.

Quadro 3:

| Capítulos de livro/ artigos | Podcast e vídeos |
|---|--|
| Capítulo “A mitologia do preconceito linguístico”, do livro <i>Preconceito linguístico: o que é como se faz</i> , de Marcos Bagno (BAGNO, 1999). | Ariano Suassuna fala sobre Preconceito Linguístico - YouTube |
| Capítulo “Fundamentação teórica”, de Maria Cecilia Mollica, presente no livro <i>Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação</i> (MOLLICA, 2003). | AMPLIFICA por Emicida - Preconceito linguístico no dia a dia - YouTube Mitologia do preconceito linguístico by Argumentação e Exposição (anchor.fm) |
| Artigo “Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico”, de Gilvan Müller de Oliveira (OLIVEIRA, 2010). | Línguas indígenas, instrumentos de cultura e identidade - YouTube A importância e os desafios na preservação das línguas indígenas - Jornal Futura - Canal Futura - YouTube Tribo indígena tenta salvar língua da extinção - YouTube Um mundo, muitas línguas! ONU celebra o multilingüismo - YouTube |

Quadro 3: referências usadas de forma assíncrona

Fonte: elaboração nossa

Esses materiais possibilitaram que os alunos fizessem leituras prévias e soubessem mais sobre o tema antes das aulas síncronas, que eram destinadas ao debate e à sistematização dos conteúdos. A questão do preconceito linguístico teve uma excelente

recepção por parte dos discentes, que tiveram grande facilidade e identificação em relação ao tema, fazendo diversas perguntas e solicitando novos materiais e novas reflexões. O capítulo de livro, o podcast e os vídeos trouxeram, por meio de uma linguagem direta e simples, a divulgação científica acerca de um aspecto basilar dos estudos variacionistas.

Logo após, foi trabalhado o capítulo 1 do livro *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. Escrito por Maria Cecília Mollica aborda, de forma didática, questões basilares do estudo da variação e possibilita um detalhamento teórico amplo (cf. MOLLICA, 2003). Isso fez com que os alunos conhecessem mais sobre a teoria e fossem instigados, por exemplo, sobre a questão das variáveis extralinguísticas como motivadoras dos fenômenos variáveis.

Por fim, foi trabalhada a questão do multilinguismo no Brasil a partir do artigo de Gilvan Müller de Oliveira (OLIVEIRA, 2010) e de alguns vídeos. Esse debate possibilitou que os discentes (re)pensassem a ideia de que no Brasil se fala apenas português e se atentassem para a diversidade linguística e cultural presente no país. A motivação para inserção desse debate de forma sistemática no curso está diretamente ligada ao papel do Bacharel em Relações Internacionais, que poderá trabalhar no Brasil e no exterior em organizações (não)governamentais, o que evidencia a urgência desse debate em sua formação.

Em relação à avaliação, adotamos uma estratégia focada na divulgação científica. Por entendermos que seria relevante para a vida profissional desses alunos a compreensão dos debates efetuados e saber abordá-los em contextos diversos e com uma linguagem acessível, foi solicitado que eles gravassem um podcast abordando um dos temas discutidos a partir de uma fala breve, objetiva e clara. A recepção dos alunos foi muito boa e eles gostaram de fazer a atividade, já que a maioria era ouvinte desses gêneros; os demais conheciam por ter sido adotado na disciplina.

Com isso, podemos dizer que a abordagem nas duas turmas obteve bons resultados, apontando para a necessidade de debate sobre esse tema em diferentes cursos, inclusive externos à área de Letras. Ter em sua formação discussões como essas, possibilita a esses profissionais uma vivência acadêmica plural e ligada a diferentes áreas do conhecimento, o que fará com que tenham uma visão mais ampla sobre o papel da linguagem na sociedade. É necessário ressaltar, por fim, que tais estratégias podem ser usadas por outros docentes, servindo, portanto, como um relato de práticas a serem (re)aplicadas e (re)pensadas.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos um relato acerca de experiências vivenciadas em turmas de Relações Internacionais e Relações Públicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos anos de 2019 e 2020, em disciplinas de Língua Portuguesa. A partir disso, discutimos as estratégias utilizadas e a sua execução em prol de uma formação ampla e mais plural para os discentes, que inclua uma abordagem variacionista.

Recorremos, para tanto, ao arcabouço teórico da Sociolinguística Variacionista, corrente que analisa os padrões gramaticais em variação por meio de fatores linguísticos e extralinguísticos. Por meio de artigos e livros da área e de vídeos que abordam os temas destacados, foi possível trabalhar a variação com tais discentes, possibilitando ir além da perspectiva tradicional e estimulando a sua reflexão crítica.

Destacamos que este artigo contribui para a necessidade do tratamento da variação nos cursos de Língua Portuguesa no ensino superior e que demonstra que tal estratégia pode gerar bons resultados. Além disso, ressaltamos que é preciso haver uma fundamentação teórica bem delimitada e uma ligação com a formação profissional dos discentes a fim de que haja uma contribuição efetiva para sua formação crítica e para sua prática profissional.

Com este relato, então, pretendemos demonstrar como tais práticas podem ser feitas e apresentar possibilidades de aplicação do estudo da variação no ensino superior em contextos que vão além das faculdades/ institutos/ escolas de Letras. Assim, esperamos que novos trabalhos sejam desenvolvidos e que possam dialogar com as reflexões aqui trazidas a fim de (re)pensar estratégias para uma abordagem variacionista nas disciplinas de Língua Portuguesa no ensino superior.

Referências

- ALVES, B. B. *Variação linguística, preconceito linguístico e bullying em uma escola estadual no município de Sinop – MT*. 2019. 82 p. Mestrado Profissional em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso. 2019.
- CASTANHEIRA, D. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação-discurso. *Falange Miúda*, v. 3, p. 87-95, 2018.

_____. Linguística e ensino. In: FREITAS JR, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P.. (Org.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020, p. 57-69.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Ministério da Educação, 2018.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais — terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação, 1998.

CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 36, p. 57-73, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

FERRAREZI JUNIOR, C; MOLLICA, M. C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. *Working Papers em Lingüística*, v. 10, p. 73-91, 2009.

GÖRSKI, E.; MARTINS, M. A. R. Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa. *REVISTA DA ANPOLL (ONLINE)*, v. 52, p. 173, 2021.

HERZOG, M.; LABOV, W; WEINREICH, U. *Fundamentos empíricos para uma teoria de variação e mudança linguística*. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Trad. M. Bagno, M. M. Scherre e C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

MORELLO, R. O lugar das línguas brasileiras no livro didático: perspectivas políticas para uma educação plurilíngue. In: SILVA, S. B. B.; PEREIRA, J. N. (Org.). *Língua Portuguesa e Literatura no Livro Didático: Desafios e Perspectivas*. Campinas: Pontes, 2018, p. 157-168.

OLIVEIRA, A. M. *Nós e a gente: uma análise dessa variação em produções estudantis eunapolitanas*. 2017. 167 p. Mestrado Profissional em Letras. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 2017.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: Monolingüismo e Preconceito Linguístico. *Linguagem*, São Carlos, v. 11, n.1, p. 1-9, 2010.

PATRIOTA, L.; PEREIRA, P. R. F. O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. *Revista Letras Raras*, v. 7, p. 289-307, 2018.

SANTANA, F. P.; SANTOS, D. A. Variação Linguística no contexto escolar: desafios do professor no ensino de gramática. *Cadernos de estudos e pesquisa na educação básica*, v. 3, p. 209-223, 2017.

Recebido em 07 de julho de 2022.

Aprovado em 03 de janeiro de 2023.